

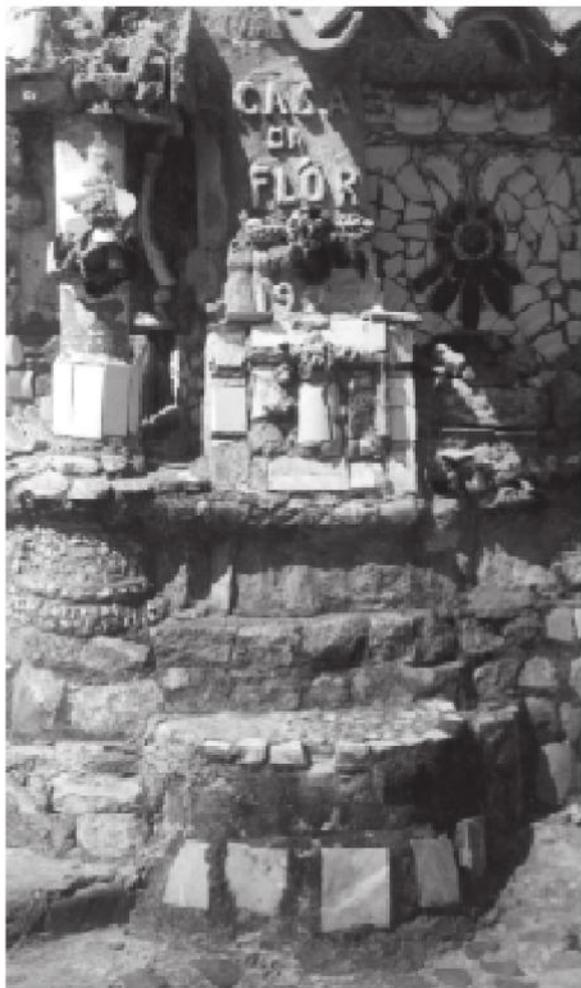
DO TOMBAMENTO DE UMA ARQUITETURA POÉTICA*

Amelia Zaluar

Professora e pesquisadora de arte popular.

Autora da monografia "Casa da flor".

Presidente da Sociedade de Amigos da Casa da Flor.



Um sentimento de frustração é o que me acomete todas as vezes em que tento encontrar uma solução para o problema do abandono e conseqüente deterioração da Casa da Flor. Morto o seu criador em 1985, pouco se fez até hoje para conter os estragos causados pela chuva, pelo vento e pela fragilidade do material empregado em sua construção.

E o que é a Casa da Flor? Em termos históricos, é uma casa construída, a partir de 1912, por Gabriel Joaquim dos Santos, homem pobre porém determinado em um projeto de vida poético e artístico. Simples trabalhador nas salinas da região, levou onze anos para levantar uma casa para morar sozinho e mais sessenta e dois (1923/1985) para enfeitá-la com pedaços de objetos encontrados – e selecionados – em suas andanças pelas cercanias. Filho de um ex-escravo e de uma índia, isolado numa espécie de gueto

onde habitavam os negros pobres, no distrito de Vinhateiro, em São Pedro da Aldeia, nunca teve a oportunidade de freqüentar uma escola. Tudo que fez aprendeu sozinho, usando a inteligência e a criatividade que tinha de sobra. Aprendeu a ler aos 36 anos com um menino, seu vizinho, depois que tomou a iniciativa de pedir-lhe ajuda. A partir daí registrava, como autêntico historiador ou jornalista, os acontecimentos que marcavam sua vida: fatos referentes a si próprio, aos vizinhos e parentes, dados históricos sobre a região – e também sobre

outros estados do país – acidentes e tragédias, benefícios que chegavam àquele lugar esquecido por todos.

O valor de sua obra única – a Casa da Flor – no entanto, cresce quando atentamos para seu aspecto simbólico. Despossuído de tudo, sem direito sequer à educação, deixou-se dominar inteiramente pelo sonho de viver numa casa “enfeitada”. Do “nada” fez esse trabalho de embelezamento, aproveitou os restos das construções locais, cacos de objetos jogados no lixo, coisas consideradas imprestáveis para o uso. Sem gastar um centavo com esse material rejeitado, transformava, como verdadeiro alquimista, o que era feio, sujo, estragado, em flor, flor/cálice, símbolo maior da ligação do ser humano com o sagrado. Com seus olhos visionários, via nesses materiais mais humildes a matéria preciosa para a produção de beleza. Justificava mesmo a inusitada preferência (inusitada para os desacostumados com sua liberdade e sensibilidade) pelos cacos: “é caco, é caco, mas é coisa de muita importância”.

Estranho e comovente é o fato de que, à mesma época, nas duas primeiras décadas do nosso século, na Europa, grandes artistas, como Picasso, Miró, Braque, Klee, Kandinski, de Chirico, revolucionavam os conceitos de arte até então vigentes, elevando o concreto, os materiais mais grosseiros, à categoria de arte. Como representantes fiéis do espírito de seu tempo, marcado pelo horror da 1ª Guerra Mundial (1914/1918), esses artistas revelavam em sua obra angústias e aflições existenciais e profundos anseios de mudanças. Nosso Gabriel, também despedaçado em sua condição humana, encontrou uma solução original para expressar suas emoções e ergueu um “monumento à pobreza”. Inspirado por sonhos e devaneios, pedaço por pedaço, ele juntou, amalgamou e deu ordem ao caos, sem esmorecimento, à procura da beleza e da harmonia em tudo que criava. Internamente, pouco a pouco, realizou idêntico trabalho em si mesmo. Ao usar de total liberdade para criar a ornamentação de sua casa – talvez a única oportunidade de exercitá-la – foi quebrando as correntes que o tolhiam. Num claro processo de individualização, Gabriel dava “livre curso à expressão das imagens internas” e, ao mesmo tempo em que as plasmava, transformava-se, alcançando assim a paz e integridade. Permanece como exemplo maior da possibilidade para o ser humano de transcendência pela arte.

E o que está acontecendo agora com esse exemplar único de uma arquitetura espontânea, fantástica e simbólica em nosso país? Está a ponto de desabar! Por míseros R\$80.000,00, não se realizou sua restauração até agora.

Desde a morte de Gabriel, a necessidade premente de preservá-la tornou-se clara. Uma estratégia para torná-la mais conhecida foi usada com a criação de uma mostra de fotografias, textos, cadernos de apontamentos do artista e uma maquete, já exposta em 42 espaços culturais do país. Urgente se tornava sua preservação e, com esse intuito, fundou-se, em 1987, a Sociedade de Amigos da Casa da Flor. Muitas tentativas foram feitas junto a instituições públicas e privadas, com o fim de se conseguir recursos para a obra. Lentamente, muito mais do que o bom senso indica, algumas vitórias foram alcançadas. Em 1992, patrocinada pela Prefeitura de São Pedro da Aldeia, fez-se a restauração do telhado da habitação e uma obra de contenção da encosta onde ela se apóia. No início de 1999, após sete anos de espera, fez-se a desapropriação do imóvel, medida jurídica indispensável para obter-se recursos do Ministério da Cultura, através do PRONAC. E só!

Dezenas de reuniões e telefonemas, muitas promessas, e nada mais aconteceu. Como disse o escritor português, Prêmio Nobel de Literatura de 1998, José Saramago, em recente entrevista a um jornal carioca, é freqüente aparecerem propostas esplêndidas, idéias interessantes, opiniões críticas agudas e que, por mais razão que tenham seus autores, não acontece nada. A Casa da Flor é considerada por intelectuais de renome no país um belíssimo exemplar da produção do homem do povo. Todos que a vêem se comovem e percebem a necessidade verdadeira de salvá-la. Mas nada acontece!

Apesar de sua beleza e da energia de amor desprendida por seu autor durante toda a vida, temo que ela seja mais uma vítima de preconceitos que cercam a produção popular. Criação de um homem pobre, semi-analfabeto, descendente de africanos e índios, e o “impuro” material nela empregado tornaram-na, talvez por isso, discriminada, negligenciada. Eduardo Galeano, o escritor, poeta e historiador uruguaio, fala de uma América Latina especializada em ignorar-se, porque foi treinada a cuspir no espelho, a se auto-desprezar. Até quando? Até quando continuaremos a fechar os olhos à beleza, à nossa arte, à nossa alegria, à nossa energia de vida?

Tombada pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural, da Secretaria Estadual de Cultura) em 1986, a Casa está prestes a **tomb**ar, literalmente. Como é possível? Não dá para entender! Faltam recursos ou a tão citada vontade política?

Será que temos o direito de deixar desaparecer o templo de Gabriel, suas mandalas de flores, de destruir, nos planos material e espiritual, essa habitação, empenho de toda uma vida, fruto de uma missão mística, onde estão manifestadas “criatividade, arte, religiosidade,

dedicação, transcendência e amor”? Teremos o direito de mutilar esse símbolo arquetípico? A que preço? Para o analista junguiano Carlos Byington, ao preço de um empobrecimento cultural maior, de uma desarticulação simbólica, ao preço da desesperança e da alienação.

O velho sábio Gabriel e sua casa/flor merecem viver!

* Este texto foi parcialmente publicado n'O Globo.

Concinnitas, 3, jan./dez. 2000